

*Educação, escola e docência: novos tempos, novas atitudes,*  
de Mario Sérgio Cortella.  
São Paulo: Cortez, 2014.126 ps.

Ana Luzia da Silva Vieira

Mestranda no Programa de Mestrado em Gestão e Práticas Educacionais da  
Universidade Nove de Julho (UNINOVE). Diretora de creche na Rede Municipal  
de Santo André, SP.

Mario Sérgio Cortella, filósofo e escritor, mestre e doutor em Educação, foi professor titular da PUC São Paulo por 35 anos e secretário municipal de Educação da capital nos anos 1991-1992. Escreveu inúmeros livros sobre educação e temas emergentes nas áreas da filosofia, religião e sociologia.

Neste seu novo livro: *Educação, escola e docência: novos tempos, novas atitudes*, lançado pela editora Cortez em maio de 2014, constituído de treze capítulos, aborda temas que relacionam as mudanças nos processos de vida e trabalho e o campo educacional, propondo novas atitudes para os novos tempos da educação. Inicia o livro falando da emergência de novos paradigmas e da necessidade de rever o modo como se faz educação, refletindo sobre a prática e sobre o que se pensa da educação escolar contemporaneamente. Ressalta a gravidade do momento nomeando-o como momento grávido, prestes a dar luz a uma nova situação, a novas práticas e atitudes.

No capítulo “Entre cautela e ímpeto: escola em descompasso”, fala da necessidade de se ter cautela e paciência para atuar em meio às mudanças sociais. Vê a escola como um tempo-espaço resistente às mudanças aceleradas devido aos conflitos de gerações, em que os sujeitos-clientes são avaliados constantemente, mas os sujeitos agentes não o são. Em meio às inúmeras mudanças em que, a cada dia, “temos mais velocidade de comunicação, das relações, de mudanças de cenário, de conhecimento, de aprendizado” (p.18), a escola insiste em ancorar-se no passado, nas velhas formas de ensinar.

Nos capítulos “E quanto a nós docentes” e “Estado de atenção e o desafio de mudar”, faz um contraponto entre os termos velho e idoso, caracterizando um como obsoleto, ultrapassado, resistente a mudanças, e outro como aquele que, apesar da necessidade de mudança, tem algo a ser preservado. Acrescenta que, para transformar momentos graves em grávidos, deve-se ter esperança; desanimar

significa perder a alma, ou seja, perder a esperança. Deduz que momentos graves se tornam grávidos quando a esperança permite levar adiante sonhos e utopias.

No capítulo “Humildade pedagógica e competência coletiva”, o autor predica que só é um bom ensinante quem for um bom aprendiz, tornando necessária, assim, a humildade pedagógica. Em tempos em que as mudanças ocorrem frequentemente, as competências individuais vão sendo perdidas em grande velocidade e nossas verdades tornam-se provisórias. O autor ressalta a importância do sujeito coletivo e também da competência coletiva, dizendo que “quem sabe reparte e quem não sabe, procura.” (p.41)

No capítulo “O poder do saber e pilares da Educação”, Cortella avalia que o saber pode e é usado para partilhar, para crescer ou para dominar. Aponta como saída para a melhoria na educação três pilares básicos: uma sólida base científica, formação de solidariedade social e constituição da cidadania ativa, insistindo que essa base deveria aparecer no cotidiano escolar, na formação dos professores e nos critérios de seleção de conteúdos que abranjam saberes de relevância social e histórica.

Quando aborda a temática da tecnologia, nos capítulos “Paradigmas da tecnologia e a distração” e “Tecnologia, aprendizado e profundidade”, ressalta a necessidade de ela somar-se à educação, e não de ser adotada como concorrente. O segredo está em fazer uso da tecnologia quando necessária e recusá-la quando não o é, aproveitando as características de simultaneidade, mobilidade, instantaneidade e velocidade que ela oferece. Acrescenta que ninguém deixa de se interessar por aquilo que é interessante, chamando a atenção para a necessidade de a escola, por meio do professor ou tutor, colaborar para o encantamento com o conhecimento.

Em “Geração do agora e o cotidiano reconfigurado” mostra como características positivas da geração Z a instantaneidade, a velocidade, o senso de urgência; por outro lado, como fator negativo, chama a atenção para a falta de paciência dessa faixa etária. É preciso modernizar os processos e expor o educador a esse desafio.

No capítulo “A era da impaciência e o ensino” identifica que no mundo da criança cada vez menos existe o convívio com adultos. Retoma as diferenças entre gerações usando o termo “despamonhalização do mundo”, afirmando que momentos de conversa e convívio em família têm sido cada vez menos frequentes. Considera que o problema não se refere à exposição das crianças à tecnologia,

mas à exclusividade dessa exposição. Mostra que a escola tem sido o local em que ainda ocorre o convívio e no qual as pessoas não ficam isoladas.

No capítulo “Vontades soberanas e disciplina afrouxada” o autor aborda a problemática da falta de limites e de como as famílias estão subservientes aos seus filhos. Considera que o fato de os pais ficarem muito ausentes no dia a dia dos filhos os leva a querer compensar a ausência fazendo tudo por eles, dessa maneira distorcendo a ideia de desejos e direitos. Expõe o afrouxamento da disciplina nas escolas tanto como conduta quanto como esforço, considerando que a equipe escolar deve basear-se no projeto pedagógico para estabelecer normas de convivência coletivas e uma ação pedagógica admirada pelos alunos pelo fato de proporcionar partilha de saberes.

Inicia o capítulo “Filhos do mundo, alunos da escola” com uma frase popular: “O mundo que vamos deixar para os nossos filhos depende muito dos filhos que vamos deixar para o mundo”. Apresenta a família como espaço de amor, mas também de responsabilidade e exigência. Lembra o autor que vem ocorrendo uma terceirização cada vez mais acentuada na formação dos filhos devido à falta de tempo dos pais, sobrecarregando a escola - diante disso, torna-se imprescindível a parceria entre escola e famílias.

Em “Valores ensinados e turma do bem” mostra que valores de cidadania e de cooperação são essenciais para a formação do sujeito individual e coletivo e devem ser trabalhados pela escola e pela família. Cita a importância da participação familiar no projeto pedagógico da escola e da necessidade de ter escola de pais.

Cortella finaliza seu livro fazendo uma reflexão sobre a paixão de ser educador. Entende que a educação tem de ir à busca de tudo que é essencial e, neste sentido, diz que na escola deve-se ter alegria. E ainda questiona qual passado queremos deixar e o que estamos preparando de história.

Sem dúvida alguma, Cortella nos apresenta um livro de educação que trata de forma simples e direta assuntos sérios e emergentes. Numa leitura que flui de um capítulo a outro, o autor nos conduz a inúmeras reflexões, fazendo com que nós, educadores, pensemos sobre a educação nos dias de hoje e reflitamos sobre nossa posição enquanto sujeitos fundamentais desse processo. Trata-se de uma obra a serviço do educador esperançoso de mudanças.